



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Representação artística do corpo no feminino: uma análise das obras de Flora Negri¹

Marília Faustino Cruz²

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O presente artigo traz análises das fotografias de Flora Negri, de acordo com a linha de análise do discurso francesa (AD), fazendo uma leitura semiótica para compreender os discursos e interpretações que os corpos comunicam através das imagens da artista. Entendendo também que há uma relação entre o poder que existe nas relações, como também buscando perceber como ocorre o desenvolvimento da resistência contra esses dispositivos de poder que coexistem no âmbito social. Sendo assim, a linha de análise do discurso Foucaultiana e leitura semiótica das imagens contribuirão para o máximo entendimento das obras da artista.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Corpo feminino; Fotografia artística; Arte; Representatividade feminina.

INTRODUÇÃO

Na fotografia artística o autor coloca sua expressão, emoção e sua perspectiva de mundo, surge com o advento das inovações tecnológicas nos equipamentos fotográficos, tendo influência dos movimentos expressionistas e modernistas (TAVARES, 2009, p.121). Os fotógrafos dessa vertente se desvinculam do modelo antigo de congelar o momento, o objeto e a cena, buscando trazer movimentos para suas fotografias, utilizando seus sentimentos, pensamentos e vivências para criar. Esse processo de criação torna explícito que a fotografia não é resultado do

¹ Trabalho apresentado no GT2 “Fotografia contemporânea” da V Grão fino Semana de Fotografia.

² Estudante de Comunicação Social pela Universidade Federal de Campina Grande.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



equipamento, mas sim da sensibilidade e subjetividade do fotógrafo, permitindo criações mais independentes e conceituais. Nessa linha fotográfica os artistas tendem a utilizar o corpo como ferramenta artística, seja com autorretratos ou com retratos.

Refletindo acerca do corpo feminino na arte, observa-se que a arte serve para espelhar as inquietações dos artistas dentro da sociedade, por isso, optou-se por uma importantíssima artista, nordestina e brasileira para analisar: a fotógrafa Flora Negri. A artista contemporânea investiga a representação do corpo feminino buscando naturalizar o mesmo, embelezar e trazer esses corpos para próximo da matéria natural. Suas fotografias permitem a elevação de um olhar sensível e artístico ao expressar denúncias e críticas, considerando que nossos corpos, gestos e representações são políticos e produzem discursos.

Observando que historicamente os corpos femininos sempre foram regradados pela igreja, sociedade e autoridades políticas (WITZEL, 2014, p.1), se faz necessário resistir e ressignificar esse posicionamento cultural. Na fotografia de Flora é possível enxergar os questionamentos através da imagem, novas percepções desse corpo feminino rotulado como fraco, objetificado e que se reduzia apenas a procriação. As fotografias que analisaremos neste presente artigo tem um olhar feminino, que ocorre quando a sociedade começa a atribuir outros papéis às mulheres, além dos tradicionais, desde então as artistas passam a construir representações femininas reais, criando novos sentidos e novos discursos, a partir da resistência feminina contra o sistema patriarcal. Para essa análise utilizaremos os modelos de estudos da análise do discurso de linha francesa (AD), tendo como intuito mostrar os discursos que o corpo feminino produz através das fotografias da artista.

POR TRÁS DO OLHAR FEMININO

Existe uma certa ausência na história das mulheres e muitas histórias esquecidas por não ter tido uma preservação dos seus trabalhos ou de suas biografias, é um fato que existe não só no âmbito da arte, mas está presente no geral, um espaço em branco na história quando se trata de obras produzidas por mulheres. Em



**V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022**



contrapartida, a exposição *Women artists: 1550-1950* é criada com o objetivo de reviver e trazer à tona o trabalho de artistas desconhecidas até então, com o intuito de acender e enfatizar a vida e obra dessas mulheres que tiveram o seu legado apagado e não identificado socialmente.

Um fator que muito influenciou para essa ausência foi as mulheres não possuírem as mesmas condições de ensino, material e posses que um homem, os empecilhos para uma artista ser reconhecida eram altos, suas obras eram menos vendidas, menos expostas em lugares públicos e menos conservadas em conformidade com Vicente (2012, p.37). O papel denominado as mulheres era o de filha, esposa e mãe, embora não faltasse artistas femininas com características suficientes para obter o reconhecimento, a falta era de oportunidade genuína em um espaço comandado por homens.

Pensando e agindo contra essa conjuntura, surgiu a denominada arte feminista em 1970 de forma original e inovadora (ibidem, p.45), uma arte criada para problematizar temáticas femininas e abrir espaço para que mulheres atingissem um espaço na cena artística. O grupo anônimo *Guerrilla Girls* trouxe fortes discussões sobre o papel das mulheres na arte, por meio de performances, obras e cartazes; um de seus principais trabalhos questiona se uma mulher precisa estar nua para poder entrar em um museu, logo após traz dados comprovando que a porcentagem de mulheres donas de obras dentro do museu era consideravelmente pequena se comparada a quantidade de pessoas do sexo feminino que estavam presente nas obras de homens.

Consequentemente surgiram manifestações acadêmicas e popularmente foi surgindo um movimento artístico que reconhecia a falta de um passado feminino na história da arte e criticava esse maior espaço para os homens no mercado, como também adentrava de forma mais profunda nas questões femininas e questionavam o controle patriarcal no corpo e vivências das mulheres, as mesmas renegaram as formas tradicionais de representação designadas a elas: a de ser retratada pelo olhar de um homem.

Michel Foucault marcou a história das mulheres ao mostrar em suas obras que os objetos históricos são apenas construções discursivas Colling (2014, p.34), ele



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



ofereceu artefatos para questionar e suspeitar do ideal feminino imposto, o discurso sobre a natureza feminina, a limitação que ligava as mulheres apenas ao útero, corpo doente, ser frágil e inferior. Os homens definiram e construíram as mulheres, porém, Foucault conseguiu mostrar o poder que incita discursos e constrói subjetividades. O feminismo alterou positivamente esse quadro de silêncio e ausência das mulheres e ofereceu as mesmas questões capazes de mudar respostas antes dada pela história e ciências sociais.

DE NATURALIZAR O CORPO NU

Na sociedade contemporânea os indivíduos se adaptaram a viver em corpos que se adaptam as moralidades do nosso tempo, tendo que atender às necessidades impostas pela sociedade, como argumenta Milanez (2009, p.4). No sistema capitalista os corpos são vistos como dispositivos úteis à mão de obra, de maneira que devem ser disciplinados e se manter totalmente produtivos e aptos ao trabalho fabril. O biopoder, conceito desenvolvido por Michel Foucault explica que essa ferramenta de poder é centralizada nos modelos de vida da população, proferindo os modelos de vida social.

Para Foucault o corpo consiste em utensílio para alimentar o sistema capitalista, onde um corpo considerado doente é enviado para o hospital, um corpo rebelde é encaminhado para a escola, um corpo transgressor para a cadeia e um corpo promíscuo para a igreja. Ou seja, para viver em sociedade seria necessário ser um corpo produtivo, saudável e disciplinado. Conforme Foucault (2010, p.171), a prioridade do estado é manter esses corpos habilitados ao trabalho: “vivemos num regime em que uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde corporal, a relação entre as doenças e a saúde, etc”.

O corpo feminino passa a sofrer os efeitos normalizadores do biopoder quando a medicina passa a exercer grande presença nos espaços públicos, a mulher tem suas diretrizes traçadas, como se vestir, como fazer sexo, como se comportar, como higienizar o corpo. Nesse contexto, muitas obras artísticas que retratam o corpo feminino nu, em sua grande parte eram produzidas por um olhar masculino, fazendo com que essas imagens de corpos despidos produzissem discursos misóginos, onde



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



a mulher era retratada e vista de forma objetificada e irreal, reproduzindo padrões estéticos de acordo com cada época da sociedade.

Assim como a artista visual cubana Ana Mendieta utiliza no seu trabalho o seu corpo para criar em meio a natureza, considerando sua ligação pessoal com a terra, similarmente, a artista Flora Negri possui uma ligação sentimental com a natureza e busca analisar as simbologias que envolvem o corpo feminino, questionando padrões e tabus. Tendo em vista que o discurso é exterior à linguagem, sendo compreendido no social por meio de aspectos ideológicos e históricos, em concordância com Fernandes (2005, p.13).

É característico do trabalho de Flora retratar o corpo nu de maneira poética, sensível, mas também questionadora e transgressora. Logo, na figura 1, a artista pretende ressignificar esse papel da mulher nua e objetificada, utilizando elementos naturais como a terra, as árvores e o ar para compor junto a esses elementos e assim trazer o corpo despido de maneira natural e figurativa. Segundo Flora para entrevista ao diário de Pernambuco TV (2018), essa necessidade social de trazer tudo para o sexual e sensual empobrece os corpos, pois o corpo é sensual e sexual, mas também é um bilhão de outras coisas. Todavia, a imagem é um utensílio que pode ser utilizada para trazer novas significações a esses corpos, de acordo com Joly (2007, p.30):

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações.

O vermelho do barro representa um sentimento de paixão e satisfação, “Vermelho-laranja são também as principais cores da paixão, pois, como o fogo, a paixão também pode “queimar” e “consumir” (HELLER, 2014, p.107). O verde escuro das arvores representa a força, a harmonia e a vida, o verde é símbolo de vida, oposto do que é morto, seco e sem vida (Ibidem, p.195). O azul claro representa a tranquilidade de espírito e de pensamento “O azul é a cor de todas as características boas que se afirmam no decorrer do tempo, de todos os sentimentos bons que não

estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua” (ibidem, p.46).

A posição de Flora entregue ao embalo do vento, nesse movimento do ar que mexe com o barro vermelho e com o corpo ao natural, semblante calmo, despreocupado, remete essa ideia de calma, essa construção de naturalizar o corpo despido. A imagem tem o poder de ressignificar determinadas memórias discursivas, de modo que produza diferentes sentidos e significados. A figura 1 revela essa ideia de calma e de naturalizar o corpo despido, em especial o feminino, que culturalmente é visto com um olhar de objetificação.

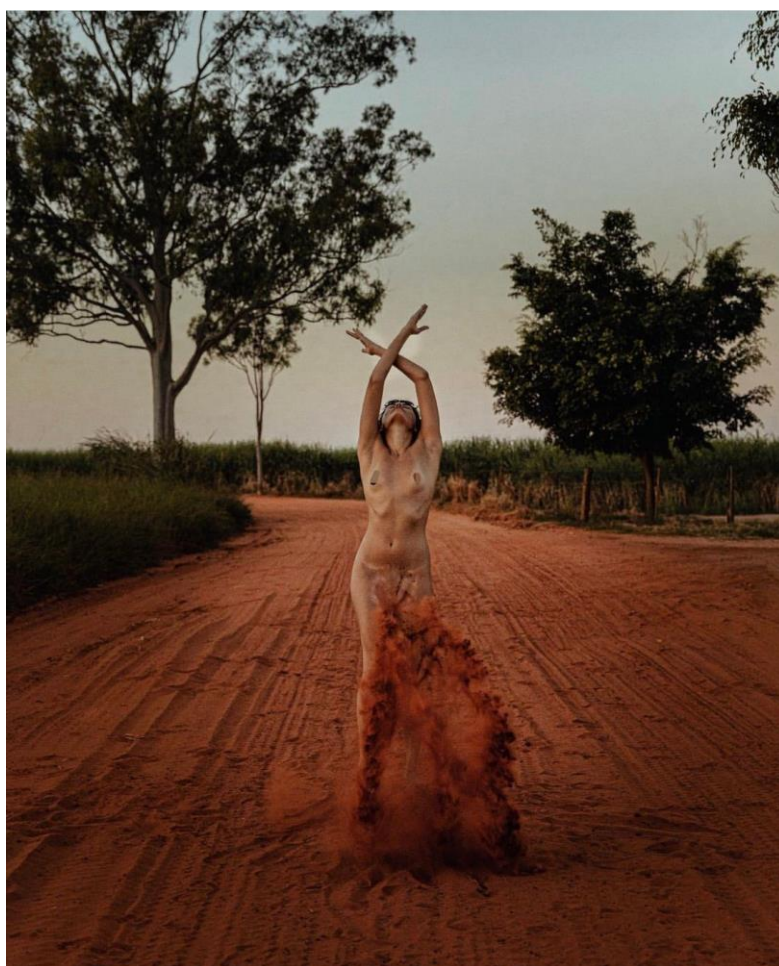


Figura 1- Fotografia de Flora Negri, 2020.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



DESMISTIFICANDO O TABU

O corpo feminino sempre foi coberto de tabus, uma das convicções comuns entre o senso comum era a crença de que as mulheres só serviam para conceber, dessa forma, pouco se entendia sobre temáticas femininas. Os corpos femininos sempre significaram fragilidade e delicadeza, segundo a cultura patriarcal, enquanto os corpos masculinos eram reconhecidos por virilidade e força. De acordo com Witzel (2014, p.8), a própria medicina caracterizava as mulheres como seres mais fracos, que se limitavam a um corpo que sangra e engravida.

A menstruação era considerada um mal feminino, os úteros e ovários seriam responsáveis por trazer dor e tornar o corpo feminino patológico, pois não há muito tempo atrás se acreditava que uma mulher em período menstrual estava impura e não podia manter contato com outras pessoas ou até mesmo tocar alimentos sem deixá-los impuros. Na contemporaneidade, a menstruação continua a permear como um tabu nos espaços públicos, de acordo com as formulações discursivas através da memória discursiva que os corpos femininos produzem. Atualmente se mobiliza entre as mulheres a necessidade de propagar um novo discurso a respeito desse tema restrito.

Na figura 2, a artista traz uma fruta conhecida como Romã no meio das suas pernas representando o útero, abaixo da fruta, as suas pernas estão ensanguentadas, o sangue escorre descendo por suas duas pernas, representando a menstruação. Aproximadas as pernas estão duas mãos ensanguentadas com o sangue, salientando que não há repulsa da figura presente na imagem com o sangue da menstruação. Nas palavras de Flora (2019) a menstruação possui o poder de renovação: “Eu renasço e morro, ao mesmo tempo. Agradeço e choro em cada cinza de mim mesma. É sobre aprender a morrer em vida e enxergar a vida quando a morte te acomete o corpo”

A presença do sangue também representa dor, é possível que seja as dores da cólica menstrual ou até mesmo as dores de ser mulher e ter que carregar o mundo nos ombros, com vivências duras. A sexualidade, bem como o prazer também foi uma condição negada as mulheres, que foram reduzidas apenas a posição de

reprodutoras. Conforme Foucault o corpo feminino foi reconhecido sob efeito de patologia (1988, p.115):

“[...] o tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas [...]”

O discurso produzido pelo corpo feminino discorre pela posição de poder de outros órgãos corporativos, como a própria medicina que considerou o corpo feminino adepto a uma condição patológica, frágil e inferior ao corpo masculino. Assim, Flora desperta um olhar de naturalização para a menstruação, seja trazendo aspectos visuais que retratam essa condição ou até mesmo utilizando uma fruta para representar os órgãos femininos de maneira figurativa, denotando que a menstruação faz parte da origem feminina, também retratando a força feminina e a ligação do ciclo menstrual com a ancestralidade.



figura 2- Autorretrato de Flora Negri, 2019.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



ROMPENDO COM OS PADRÕES E IDEAIS

Na sociedade sempre existiu um padrão de beleza estipulado às mulheres, que variava de acordo com a época, na atualidade esse ideal foi disseminado por meio de propagandas, mídias e até mesmo das redes sociais, e esse padrão, que é irreal, se tornou o ideal idealizado pelas mulheres. Betty Friedan, no livro *Mística feminina* (1971, p. 11-20), aponta a existência de um problema sem nome, esse problema causava aflição e insatisfação nas mulheres, pois essas nunca conseguiam atingir de fato os padrões de feminilidade compostos pela mística feminina.

A mística feminina é um ideal impossível de ser alcançado pelas mulheres, entretanto, a sociedade pune e exclui os corpos que não se aproximam desse padrão. Conforme Foucault, os corpos são controlados por determinadas formas de poderes que ditam restrições: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 126). O controle patriarcal fez com que as mulheres se empenhassem na construção de uma feminilidade em concordância com a visão masculina do que é ser mulher.

Em compensação com esse ideal ilustrativo de corpo ideal, se desenvolveu o conceito de abjeto para corpos que fugissem desse padrão ou que estivessem as margens da sociedade. Se entende como abjeto um corpo que é considerado desprezível, cuja materialidade é entendida como não importante ou agradável à sociedade, todavia, assim como cada ser humano produz suas abjeções, seus fluídos e outras condições que consideramos inadequadas, cada sociedade produz suas próprias exclusões, seus corpos abjetos, segundo Porchat (2015, p.7 ou 43).

Na figura 3, a fotógrafa traz esse olhar instigante para um corpo fora dos padrões sociais, um corpo não magro é visto de forma abjeta pela sociedade que perpetua os padrões ideais. Na fotografia a modelo está despida, mostrando seu corpo inteiro, com o rosto erguido e olhos fechados, assumindo uma posição de orgulho. Em suas mãos está uma planta com a cor rosa e verde. A cor verde representa liberdade, esperança e natureza. Já a cor rosa simboliza ternura, beleza e suavidade, muito utilizada no universo feminino, o rosa também pode simbolizar erotismo e sedução, pois o rosa oscila entre a paixão e imoralidade, bem e mal, segundo (Ibidem, p.399)

Em suas palavras, Flora (2019) descreve que a modelo deve “honrar quem ela é e verdadeiramente quer ser. Não a um padrão que só adocece, enlouquece e mata”, portanto, a imagem traz novas significações ao corpo considerado fora do padrão, construindo um discurso de autoamor para esses corpos e convidando o observador a enxergar diferentes corpos de maneira admirável, assim como também produz o discurso de resistência contra os padrões sociais e as normas do corpo, tirando esse corpo da posição de corpo abjeto e produzindo novas construções de sentidos para ele.



figura 3- Fotografia de Flora Negri, 2019.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



PODER E RESISTÊNCIA

Quando falamos de discurso, entendemos que os sentidos das palavras não são fixos, os sentidos são produzidos de acordo com os lugares ocupados pelo indivíduo na sociedade. As palavras produzem sentidos de acordo com as formações ideológicas dos sujeitos, sendo assim, as palavras podem ter diferentes sentidos de acordo com a posição ideológica do sujeito, Fernandes (2005, p.22) argumenta:

“Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a história. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana”

Trata-se da mudança nos sentidos dos discursos e também da resignificação de alguns termos e comportamentos sociais. Assim sendo, termos pejorativos como a palavra “vadia”, no presente são utilizados como sinônimo de luta feminista, denotando que é a mulher é livre para se vestir ou se envolver afetivamente como quiser. Segundo Pellejero (2008, p.3), para Foucault, na medida em que a produção de subjetividade escapa aos poderes de um dispositivo para se reinvestir de outro, a relação consigo mesmo se torna um foco de resistência.

Na figura 4, a fotógrafa Flora registrou uma manifestação social e política, conhecida como “marcha das vadias”, a imagem em preto e branco é explosiva e forte em contraste, mostra mulheres em posição de luta com dizeres feministas escritos nos próprios corpos e cartazes, resignificando palavras pejorativas para se dirigir a pessoas do sexo feminino, como a palavra “puta’. Essa fotografia explicita que onde houver poder, mutuamente, haverá resistência, já que o poder é exercido nas diversas relações sociais. Consequente, todo o poder patriarcal que controla o corpo das mulheres, recebe resistência por meio dos discursos feministas. O efeito de discurso nesse sentido, é de que todas as mulheres são livres, inclusive para aderir à luta.

As mulheres em primeiro plano da imagem parecem gritar, aparentam muita raiva no olhar e sede de revolução, nos corpos têm desenhos de mão tapando os mamilos

femininos, o que pode indicar uma denúncia de assédio, de censura ou até mesmo de objetificação do corpo. Na pós-produção, a fotógrafa colocou uma tarja preta para que a imagem não fosse censurada no Instagram, a plataforma é controlada pela mesma organização corporativa que comanda o Facebook e se constitui como um dispositivo de poder que controla o que as pessoas podem ou não ver.

Os mamilos censurados são parte do controle do corpo feminino que culturalmente se permeia pela cultura patriarcal. Para Flora (2018), inserir uma tarja no mamilo feminino é como desfazer o seu próprio discurso, mas também é interessante para que as pessoas saibam que a censura existe. A fotografia de Negri traz esse grito feminino pela libertação do controle de corpos e desse lugar de inferioridade construído pela sociedade, tal relato evidencia que as mulheres estão construindo novos sentidos para antigos discursos, de acordo com as suas vivências, ideologias e lutas sociais, e que para além disso, a resistência sempre foi uma linguagem utilizada por elas para que pudessem sobreviver a condição de se tornar mulher em um mundo culturalmente patriarcal.



Figura 4- Fotografia de Flora Negri, 2016.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia de Flora Negri se caracteriza por produzir diferentes discursos, resistindo aos discursos do controle de corpos femininos reproduzidos culturalmente pelo sistema patriarcal, a produção de novos sentidos se dá por meio das suas criações e composições que transitam entre o artístico, o político e o social de maneira sublime. Os relatos da artista ilustram como os corpos são ferramentas políticas, discursivas e que produzem discurso através de gestos e falas, no âmbito verbal e não verbal.

O corpo nu feminino produz novos efeitos de sentidos nas imagens de Flora, se distanciam do conceito de obsceno, objeto e abjeto que os corpos podem produzir. O olhar feminino por trás da câmera contribui para essa transmutação, comunicando novos discursos e tornando compreensível que discursos são mutáveis e que mudam de acordo com as ideologias e vivências dos sujeitos.

É possível apontar que o biopoder é uma ferramenta de controle de corpos que mantém os corpos presos a limitações e restrições, alguns corpos são atingidos de maneira mais potente, como é o caso dos corpos femininos. E assim como Foucault justifica que onde houver poder, haverá resistência, novos discursos estão surgindo, causando novas interpretações e significações.

Portanto, as imagens analisadas nesse artigo apresentam resistência ao sistema patriarcal, desmistificando tabus e rompendo padrões de ideais femininos, também fazendo que esses corpos passem a produzir diferentes discursos, retirando os mesmos da posição de opressão e alternando para a construção da resistência contra os modelos de opressivos de poder que se encontram nas relações sociais.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



REFERÊNCIAS

MILANEZ, Nilton. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. Bahia, 2009.

FOUCAULT, Michel. Crise da medicina ou crise da antimedicina. Verve, 2010.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Lisboa, 2007.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Rosa dos tempos, 2020.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ, 2004.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. Periódicus, 2015.

HELLE, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e razão. Barcelona: G. Gili, 2014.

VICENTE, Filipa L. A arte sem história: mulheres e cultura artística séc. XVI-XX. Lisboa: Babel, 2012.

COLLING, Ana M. Tempos e diferentes discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. 2014.

WITZEL, Denise. Discurso, história e o corpo feminino em antigos anúncios publicitários, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FERNANDES, Claudemar. Análise do discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: trilhas urbanas, 2005.

PELLEJERO, Eduardo. Dos dispositivos de poder ao agenciamento da resistência. Campinas, 2008.

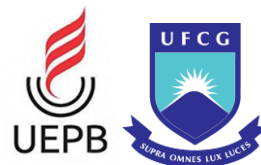
Figura 1:

https://www.instagram.com/p/B_fnpl-gmpa/?utm_source=ig_web_button_share_sheet.

Figura 2:



**V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022**



https://www.instagram.com/p/B5bAMQmAllc/?utm_source=ig_web_copy_link

Figura 3:

https://www.instagram.com/p/By-fSLNgN40/?utm_source=ig_web_copy_link

Figura 4:

https://www.instagram.com/p/BPF-hcgBv21/?utm_source=ig_web_copy_link

Entrevista ao Diário de Pernambuco TV disponível em:

[Cultura Queer, religião e comércio, Flora Negri](#)